

**A invasão Russa no Afeganistão (1979-1989): Os impactos do conflito na História Afegã**

**The Russian Invasion of Afghanistan (1979-1989): The Impact of the Conflict on Afghan History**

DOI:10.34117/bjdv6n11-188

Recebimento dos originais: 19/10/2020

Aceitação para publicação: 10/11/2020

**Ana Paula Gonçalves Cunha**

Graduanda do curso de Relações Internacionais na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)  
São Paulo, Brasil

E-mail: anapaulagc18@gmail.com

**Emilly De Freitas Oliveira**

Graduanda do curso de Relações Internacionais na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)  
Santa Catarina, Brasil

E-mail: e.millyfreitas41@gmail.com

**Raquel Gonçalves Vieira Machado De Melo Morais**

Graduanda do curso de Relações Internacionais na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)  
Goiás, Brasil

E-mail: raquelm422@gmail.com

**RESUMO**

O presente trabalho busca analisar os impactos político-econômicos e sociais causados no Afeganistão no período da invasão russa (1979-1989). Para compor a pesquisa, foram utilizados, principalmente, procedimentos metodológicos bibliográficos, predominantemente, qualitativos. Serão explorados o período histórico, os conflitos, seus impactos domésticos e internacionais. O Afeganistão, visto como território estratégico durante a Guerra Fria, foi palco das duas grandes potências da época, que atuaram diretamente e modificaram o *modus vivendi* da região. Tais eventos históricos determinaram a atual situação do país. Por isso, esse artigo analisa a importância dos atores externos no agravamento da situação afegã, tanto por parte de Estados quanto de forças transnacionais, como as etnias e a religião islâmica, sendo estes últimos atores que incentivaram a resistência até se tornarem os principais pontos para o surgimento dos conflitos internos no país.

**Palavras-Chave:** Afeganistão, Invasão, Conflitos.

**ABSTRACT**

The present work seeks to analyze the political, economic and social impacts caused in Afghanistan in the period of the Russian invasion (1979-1989). To compose the research, mainly bibliographic methodological procedures were used, predominantly, qualitative. The historical period, conflicts, their domestic and international impacts will be explored. Afghanistan, seen as a strategic territory during the Cold War, was the scene of the two great powers of the time, who acted directly and modified the *modus vivendi* in the region. Such historical events determined the current situation of the country. For this reason, this article analyzes the importance of external actors in worsening the Afghan situation,

both on the part of states and transnational forces, such as ethnic groups and the Islamic religion, the latter being the ones who encouraged resistance until they became the main points for the emergence of internal conflicts in the country.

**Keywords:** Afghanistan, Invasion, Conflicts.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca analisar as repercussões da invasão soviética no Afeganistão, além de explorar a situação do país no período posterior a invasão, quais foram os fatores que corroboraram para a invasão e como o país se reorganizou após este período. Ao tomar conhecimento da amplitude do tema abordado, optamos por delimitar, cronologicamente, o artigo entre os anos de 1979 a 1989, a fim de uma maior compreensão do tema. Para uma maior compreensão sobre o tema, se fez pertinente a divisão do presente trabalho em três partes, sendo estas: o Afeganistão pré-invasão, as relações afegãs-soviéticas, e o papel das forças transnacionais.

Partimos da hipótese de que o Afeganistão possui um histórico conflituoso, o que pode ter resultado em sua atual dependência externa, fazendo-o também de um palco para o intervencionismo de outros Estados na região. Ao compreender a importância geoestratégica do Afeganistão, se fez necessário entender sua história e os motivos pelos quais este país enfrenta tantos conflitos. A partir de então, a invasão soviética se tornou um ponto crucial para assimilar a conjuntura atual.

Evitando os paradigmas dominantes e pretendendo-se a abandonar conhecimentos prévios que poderiam resultar no pré-julgamento dos fatos, esta pesquisa de caráter exploratório, utilizou-se majoritariamente do método qualitativo e de pesquisas bibliográficas e eletrônicas para aprofundar-se no tema.

A relevância desta pesquisa contribui para a explanação da questão do Afeganistão como um ator do sistema internacional marcado por uma gangrena histórica. Esta pesquisa auxilia na análise conjuntural do Afeganistão atual, baseado em um dos momentos mais tensos de sua história. Como já citado, o objetivo do presente trabalho não é somente tratar das repercussões da invasão soviética no Afeganistão, como também se familiarizar com esta questão a fim de desenvolver futuras pesquisas mais aprofundadas.

## 2 AFGANISTÃO PRÉ-INVASÃO

Devido a sua localização geográfica (entre Oriente Próximo e Índia), o Afeganistão, desde antiguidade, tornou-se uma constante via de passagem para comerciantes e conquistadores. Situado entre várias rotas comerciais que ligavam o Oriente Médio, a Pérsia, a Mesopotâmia e a Arábia à Ásia

Central e Oriental, a China e a Índia, foi alvo de várias investidas militares e frequente campo de batalha. Os ataques registrados desde do ano 545 a.C, fizeram com que a região sofresse grandes influências de vários povos, da dinastia persa, passando pelos gregos, mongóis, uzbeques, otomanos, britânicos, entre outros, até formar o Afeganistão como o conhecemos hoje, um Estado pluriétnico e pluricultural (RODRÍGUEZ, 2003, p. 19-21) conforme podemos ver na *Figura 1*. A diversidade, principalmente entre tribos, por vezes pode acabar gerando conflito, conflito este que em ocasiões se alastra por décadas ou ainda centenas de anos.



Fonte: <http://extras.ig.com.br/infograficos/2011/ultimosegundo/mundo/etnias-afeganistao/> (2011  
Acesso em: 31 mar. 2018.

O fator étnico-cultural e as condições geográficas, contribuíram para aumentar a dificuldade de consolidação de uma identidade nacional e a partir do século XIX. O Afeganistão teve que lidar com fatores externos, como as ambições expansionistas do Império Britânico e do Império Russo na Ásia central, rivalidade estratégica conhecida como o Grande Jogo (RODRÍGUEZ, 2003, p. 27). A resistência de um poder central e a contínua presença estrangeira ocasionou seguidas disputas de poder entre as tribos.

Desde a independência do Afeganistão em 1919, uma série de circunstâncias levaram-no a uma aproximação da União Soviética. Sendo esta a primeira a reconhecer a independência do país, houve um grande acercamento e o território afegão passou a estar abaixo de sua influência econômica, política, ideológica e posteriormente, militar. Segundo Stephen Tanner,

O exército afegão e a força aérea foram reorganizados ao longo das linhas do Exército Vermelho, e em condições de crédito favoráveis equipadas com armas soviéticas e checas, tanques e aviões. Os afegãos fizeram do russo a linguagem técnica de suas forças armadas. Além disso, nas próximas duas décadas, cerca de 3.700 oficiais e cadetes afegãos receberam treinamento militar na União Soviética, onde estavam sujeitos, sutilmente ou não, a doutrinação política (TANNER, 2002 apud TRAUMANN; KAMINSKI, 2016, p. 5, tradução livre).<sup>1</sup>

Com o tempo, os resquícios do controle britânico foram desaparecendo e a dependência aos russos foi aumentando. Surgiu então um novo ator no sistema internacional, que já havia se erguido como potência durante as guerras mundiais do século XX, para tentar frear a influência da então União das Repúblicas Socialistas Soviéticas na região. Esta superpotência era os Estados Unidos da América, que pretendiam limitar a expansão da ideologia comunista. Durante a Guerra Fria, houve uma disputa de poder entre essas superpotências pelo alinhamento dos demais países. O Afeganistão assumiu uma postura oficial de neutralidade, embora recebesse auxílios econômicos e militares soviéticos. Devido a essa política de “neutralidade”, realizou uma tentativa de jogo duplo, buscando também contribuições estadunidenses, já que havia o interesse norte-americano em integrar o país ao bloco anti-comunista do Pacto de Bagdá (1956), conhecido também como CENTO (sigla em inglês para Organização do Tratado Central) (RODRÍGUEZ, 2003, p. 34). Entretanto, “devido às hostilidades entre o Afeganistão e o Paquistão e aos laços estreitos com a URSS, o Afeganistão não foi recrutado para o pacto de defesa mútua da CENTO” (TANNER, 2002 apud TRAUMANN; KAMINSKI, 2016, p. 5)<sup>2</sup>. A não aceitação do Estado afegão pelo Pacto de Bagdá, resultou em uma aproximação ainda maior da URSS. Esse fato não impediu que o país fosse financiado por ambos blocos, embora as contribuições soviéticas fossem maiores.

Em abril de 1978, após o homicídio de Akbar Khayber, redator do jornal e líder comunista em Cabul, houve uma grande mobilização social e os grandes centros eclodiram em manifestações. Os protestos contra o Primeiro Ministro Mohammed Daoud levaram-o a tomar medidas violentas para conter a população e devido a turbulenta situação, se refugiou no palácio presidencial que dias depois foi invadido por tropas afegãs e resultou na morte de Daoud e de sua família e um golpe de Estado por parte dos comunistas (FORIGUA-ROJAS, 2010, p. 194). Após o golpe, foi proclamada a República Democrática do Afeganistão e anunciada a Revolução de Saur.

---

<sup>1</sup> Texto original: “The Afghan army and air force were reorganized along Red Army lines, and on favorable credit terms equipped with Soviet and Czech guns, tanks, and aircraft. The Afghans made Russian the technical language of their armed forces. In addition, over the next two decades about 3,700 Afghan officers and cadets received military training in the Soviet Union, where they were subject, subtly or not, to political indoctrination” (TANNER, 2002, p. 226, tradução livre).

<sup>2</sup> Texto original: “Afghanistan, because of its hostilities with Pakistan and close ties to the Soviet Union, was not enlisted in the CENTO mutual defense pact” (TANNER, 2002, p. 226).

O novo governo era composto pelas duas facções que constituíam o Partido Democrático Popular do Afeganistão (PDPA), sendo o Primeiro Ministro Nur Muhammad Taraki (líder da facção Khalq) e outros dois primeiros ministros adjuntos representando as facções Parcham com Babrak Karmal e Khalq com Hafizullah Amin. Embora parecesse haver uma cooperação e homogeneidade entre as facções num primeiro momento, com o decorrer dos meses, este governo representou mais as rivalidades internas que o interesse do país como um todo e congestionou a política estatal, conforme podemos constatar no trecho abaixo

Os Khalq, com maior influência no exército, tiveram o peso fundamental no golpe de Estado e aproveitaram essa força para remover dos cargos-chave os membros do grupo Parcham, mais pró-soviéticos, mandando-os para missões no exterior, purgando-os das fileiras do partido ou acusando-os abertamente de conspirar para derrubar Taraki. Ao mesmo tempo em que o PDPA foi enfraquecido pelas lutas dentro da cúpula de poder, a resistência popular e religiosa contra o regime comunista começou a brotar espontaneamente em várias partes do país. (RODRÍGUEZ, 2003, p. 42-43)<sup>3</sup>

Em 1978 a URSS e o Afeganistão assinaram um Tratado de Amizade, Boa Vizinhança e Cooperação no intuito de promover a assistência e o desenvolvimento mútuo. Entretanto, um ano depois, a URSS com receio a perder sua influência e o pretexto de estar atendendo a um chamado de auxílio, salvaguardando a segurança de ambos países, invadiu o Afeganistão entrando em disputa de forma direta pelo poder. Combatendo os mujahedins (jovens militantes da *jihad* - guerra santa) e o presidente Amin (que naquele momento havia assumido o poder em decorrência da morte de Taraki dois meses antes), empossando seu incondicional aliado Karmal e atribuindo-lhe o domínio do Estado afegão. Com isso começa a guerra civil e a guerra russo-afegã ou ainda, soviética-afegã. A partir de 1987, com o apoio estadunidense aos mujahedins, abastecendo-os belicamente, a guerra mudou o seu curso.

## 2.1 CULTURA E RELIGIÃO: DOIS FATORES INFLUENTES

Como é sabido, a cultura é um fator de suma importância para a formação de determinada sociedade e isto fica claro no caso do Afeganistão. A cultura e as várias etnias afegãs têm gerado inúmeros conflitos desde o passado, as disputas entre pashtuns e não-pashtuns se generalizaram e

---

<sup>3</sup> Texto original: “El Khalq, con una mayor influencia en el ejército, había tenido el peso fundamental en el golpe de Estado y aprovechó esa fuerza para apartar de los puestos claves a los miembros del grupo Parcham, más pro soviético, enviándolos a misiones en el extranjero, purgándolos de las filas del partido o acusándolos abiertamente de conspirar para derrocar a Taraki. A la vez que el PDPA se debilitaba por las pugnas dentro de la cúpula de poder, la resistencia popular y religiosa contra el régimen comunista empezó a brotar de manera espontánea en diversas partes del país” (RODRÍGUEZ, 2003, p. 42-43).

atingiram outras etnias. Devido aos pashtuns representarem metade da população, possuírem língua própria e se basearem em fortes códigos morais e tribais (*pashtunwali*), resultando em uma forte estrutura tradicionalista, como a *Loya Jirga* (Grande Conselho - conjunto de líderes afegãos que tomam decisões políticas, econômicas, sociais, religiosas e militares, representando todas as etnias e as facções sunitas e xiitas), por exemplo, a sociedade afegã torna-se cada vez mais dicotomizada e hierarquizada, produzindo mais conflitos internos. Outros grupos étnicos como os hazaras (discriminados historicamente e distanciados por serem xiitas em um Estado predominantemente sunita) e os tadjiques (sunitas com idioma próprio-farsi/dari-, atualmente desentendidos com os hazaras) são colocados em um segundo plano ou até mesmo esquecidos, principalmente os grupos nômades (BAPTISTA, 2006, p. 12).

Além da cultura tradicionalista, conservadora e tribal, a religião também desempenhou um papel influente na política e dinâmica social afegã. No país em questão, a religião majoritária é o islamismo sunita, havendo duas minorias xiitas principais: os hazaras e os ismalís. O islamismo mobilizou e formou grupos de resistência à presença estrangeira, dos quais podemos citar os dois principais,

Partido Islâmico (*Hizb-i-Islami*) de maioria pashtun, fundado por Gulbuddin Hekmatyar, e a Sociedade Islâmica (*Jamiat-i-Islami*) liderada oficialmente por Burhanuddin Rabbani, de maioria tadjiques e uzbeques com destaque para o comandante principal Ahmad Shah Massoud, conhecido como o Leão de Panjshir. (TRAUMANN; KAMINSKI, 2016, p. 8).

Juntamente com outros grupos político-militares, o Partido Islâmico e a Sociedade Islâmica compuseram os "rebeldes" mujahedins, resistentes que lutavam na guerra santa-*jihad*. A partir daquele momento “não tardou para que esses grupos pegassem em armas e recorressem à violência política. Por todo o país, eclodiram revoltas anticomunistas que colocaram em risco a sobrevivência da República Democrática do Afeganistão” (VISACRO, 2009 apud TRAUMANN; KAMINSKI, 2016, p. 8) e deram início a uma guerra irregular que se estendeu por toda a região e durou décadas.

### **3 RELAÇÕES AFEGÃS-SOVIÉTICAS**

As relações afegãs-soviéticas iniciaram-se oficialmente quando a União Soviética foi a primeira a reconhecer o status de país independente do Afeganistão, e estabelecer relações diplomáticas com este. Assim, como já dito anteriormente, o mais novo país se encontrava sujeito a influência e molde da URSS em suas diversas áreas de governo, até que, finalmente, a União Soviética invadiu o Afeganistão em 1979 e entregou o poder nas mãos de Babrak Karmal (BAPTISTA, 2006, p. 7).



O Afeganistão era demasiadamente importante para a União Soviética - mesmo não tendo acesso ao mar -, não somente por precisar expandir sua zona de influência pelo exterior próximo - tentando evitar invasões e influências dos EUA - e obter mais força e aliados pelo contexto vigente da Guerra Fria, mas também devido a expansão do islamismo e do “terrorismo” generalizado, como em seu território. Esse último fator se observa pelos movimentos separatistas que ocorriam na Rússia com sua população muçulmana -principalmente na região da Chechênia-, nesse aspecto estrito, a Rússia se colocava ao lado dos Estados Unidos para a Guerra do Terrorismo -principalmente no período pós-guerra afegã-soviética- isso legitimaria as atrocidades realizadas pelo governo no território separatista russo e o intervencionismo direto em momentos posteriores. Esses apontam alguns porquês de a supremacia russa ser tão extensiva, abrangente e cada vez mais controladora desde a independência afegã, o que resultou, por fim, na invasão.

É importante ressaltar que o ato soviético sobre o Afeganistão violou o Direito Internacional e levou à contestação generalizada, assim como discorre o tenente-coronel Paulo Baptista

Importa, contudo, salientar, que o acto da invasão do Afeganistão por parte da URSS, foi indiscutivelmente uma violação do estipulado no Art.2º/Nº4 da Carta das Nações Unidas. Esse acto, foi inclusive fortemente condenado pela Assembleia Geral das Nações Unidas, assim como por grande parte dos países islâmicos, entre os quais na primeira linha o Irão, o Paquistão, a Arábia Saudita e igualmente o Iraque (embora na altura próximo da URSS). Os EUA, em particular, reagiram vigorosamente, já que essa invasão punha um fim definitivo à détente 32 que caracterizou a década de 1970 (Boniface, 1997: 83). Neste sentido, pode-se entender que qualquer perturbação do equilíbrio existente entre as duas superpotências no âmbito da Guerra-fria (também ela passível de ser vista como uma forma de guerra), careceria também de legitimidade internacional. (BAPTISTA, 2006, p. 22).

Primeiramente, o domínio sobre a política afegã passou de indireto a direto -notoriamente por meio do uso da força- com governantes comunistas empossados pela União Soviética. Junto a isso, as forças militares russas dominavam todas as partes do território, impondo regras, modificando o *modus vivendi* dos afegãos e tentando controlar as várias revoltas de todos aqueles insatisfeitos com a dominação russa. Estima-se que foram cerca de 70.000 homens enviados em missão ao Afeganistão (BAPTISTA, 2006, p. 7) para lutar contra civis -em sua grande maioria- que não possuíam armamento à altura para defenderem a si próprios e ao país.

Apesar dessa situação de armamento civil já esperada pela União Soviética, algo que esta não esperava com tanta força era resistência da parte dos afegãos -mujahedin- contra a invasão e domínio estrangeiro do território, dificultando a permanência do sistema soviético no país. Estes realizavam atentados “terroristas” e buscavam não só resistir militarmente, mas também no âmbito político com ataques às forças governamentais e protestos. Com isso, começou a guerra afegã-soviética, partindo de

uma grande ofensiva, contando com bilhões de dólares e milhares de soldados investidos no ataque pela parte soviética e do outro lado com a população afegã. Mesmo com tanta preparação inimiga, os mujahedins não desistiram e contavam com apoio externo de outros Estados, como os Estados Unidos da América, China, Arábia Saudita, Irã, Paquistão e outros. Essa guerra, por sua longa duração - finalizaria apenas em 1988, com saída de tropas em 1989- ocasionou milhares de feridos, civis e combatentes, além de destruição de parte do território afegão.

A motivação para que as tropas soviéticas se retirassem em 1989 foi para além da forte resistência afegã. A mudança da Doutrina Brezhnev -que consistia principalmente no militarismo, ataque a oposições e justificava de intervenções militares como sendo necessárias para controle de instabilidade e para essa situação não afetar toda a União- para a nova política externa russa reformista de Mikhail Gorbachev -empoderado em 1985 e último líder da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas- adotando as chamadas *Glasnost* e *Perestroika* que foram fatores determinantes, juntamente com a forte oposição mujahedin. A *Glasnost* tratava-se de transparência e de ser

uma estratégia política voltada a ampliar apoio na sociedade soviética, sobretudo entre os intelectuais, aos esforços do governo a favor da desmilitarização (redução das armas nucleares, redução das forças armadas e retirada das tropas da Europa) e diminuição do peso econômico e da importância política do complexo industrial-militar. (ALVES, 2011, p. 23).

E a *Perestroika* uma política de reconstrução e reestruturação econômica na URSS, precisando para isso diminuir investimento em defesa -Exército Vermelho-, fazer acordos com o Ocidente -que o pressionava para a retirada de tropas o mais rápido possível- o que deu abertura para as Repúblicas antes controladas se tornassem independentes, ganhando no âmbito político-social (GARCIA, 2011). Esses são contribuintes para a dissolução Soviética e o início da guerra local, pois mesmo tendo a URSS sido derrotada no Afeganistão, os financiamentos para os pró-comunistas -para que o regime continuasse forte- e para os “rebeldes” se mantiveram constantes. Dessa forma, a URSS e os EUA contribuíram para que a guerra civil não terminasse, mas sim se fortalecesse cada vez mais (TRAUMANN; KAMINSKI, 2016, p. 11).

Depois da guerra afegã-soviética, o Afeganistão estava demasiadamente destruído, tanto em níveis materiais, quanto em humanitários, econômicos e políticos, permanecendo ainda com resquícios de seu antigo regime. A Rússia, como líder soviética, ajudou economicamente através do perdão de dívidas que o Afeganistão tinha oriundas da guerra, e de forma mínima com indenizações, porém nada significativo e que fizesse real diferença no Estado. O maior foco da União Soviética era o fornecimento de equipamentos militares e, de certa forma, financiar e apoiar o governo comunista ali posto,



posicionamento que se manteve constante. Do lado oposto, se encontram os Estados Unidos armando e apoiando os “rebeldes” desde a época da guerra e continuando quando esse conflito oficial terminou e iniciou-se o conflito interno afegão. Isso fez com que os EUA fossem um importante ator no território afegão, defendendo seus interesses políticos ajudando a oposição e lutando contra a URSS, fazendo o Afeganistão um palco da Guerra Fria, e ainda no período pós-guerra até mais recentemente atuando no território contra os terroristas que uma vez financiou, utilizando-se disso para legitimar sua intervenção.

A Guerra Fria, oficialmente, poderia ter acabado logo após a queda do muro de Berlim e se extinguido, de fato, em 1991 com a desintegração soviética. Porém a oposição entre Rússia e EUA ainda se fazia presente, afetando não só os dois Estados em questão, mas também outros onde suas diferenças ideológicas e seus incentivos e financiamentos ainda existiam, fazendo com que a Guerra Fria continuasse, entretanto de forma mais velada e maquiada. Os interesses dos Estados Unidos no Afeganistão não são de tão longa data quanto os da Rússia como individual e como líder Soviética. Antigamente, por volta de 1956 os Estados Unidos negaram apoio em resposta aos afegãos que pediam armamentos, pois viam o país como de fácil abrangência, influência, invasão futura do Exército Vermelho e sem relevância. (TANNER, 2002, p. 226 apud TRAUMANN; KAMINSKI, 2016, p. 5). As relações entre os dois países se tornaram mais estreitas no período da Guerra Fria, como política estratégica para conter o comunismo em expansão, as trocas diplomáticas e investimentos se tornaram mais frequentes, até que, depois da invasão do Exército Vermelho em território afegão, os EUA se posicionaram e passaram a fornecer também armamento para o Afeganistão, treinar soldados e mandar reforços.

A guerra e os apoios de ambas as partes em grupos opostos foram intensos. Não se tratava apenas do Afeganistão, mas da força e do poder que as duas potências disputavam no território, fazendo do Estado um “cabo de guerra”. A dicotomia afegã foi tão profunda que, do lado do comunismo se fortaleceu o regime repressivo à população afegã, e do lado oposto, quando conseguiu-se derrubar o regime imposto pelos soviéticos e as tropas foram retiradas, houve um vácuo de poder, que aqueles mujahedins mais radicais financiados e apoiados pelos Estados Unidos, o Talibã, aproveitaram e tomaram o governo. Após o fortalecimento crescente desse grupo colocado como terrorista pela mídia mundial, os EUA que os apoiavam, passaram a os perseguir e anos mais tarde usaria a justificativa de combater o “terror” para invadir o Afeganistão -dessa vez de forma oficial- e perseguir a liderança do grupo.

Ainda, pontuando brevemente o que e como ocorreu a guerra civil do Afeganistão, a começar pelo caos instaurado no território pós-guerra, com a alta instabilidade, dependência de ajuda externa e

destruição material. Os grupos resistentes ao recente sistema comunista soviético continuaram a operar, se deu uma guerra entre esse governo comunista -que duraria até meados de 1992- e as forças islâmicas organizadas “terroristas” e as guerrilhas, sendo essa disputa de caráter ideológico entre o fundamentalismo e o comunismo (BAPTISTA, 2006, p. 4). Após a queda desse governo, o que a princípio havia um inimigo em comum entre os grupos resistentes, nesse momento houve os conflitos entre as próprias facções pelo poder e a busca e propagação do pan-islamismo, com os diferentes grupos resistentes se encontravam cada vez mais em dissonância e gerando conflitos entre si. Assim como nessa época, o Afeganistão é até hoje marcado por grande dependência internacional e seu histórico diplomático de relações bilaterais e de neutralidade quanto a conflitos externos fazem a estabilidade do Estado sujeita à influências e à subordinação de grandes Estados, principalmente por sua característica de encruzilhada geográfica -importância estratégica-, histórico conflituoso e falta de auto suficiência de recursos.

### 3.1 INTERESSE DAS GRANDES POTÊNCIAS

Como já mencionado, o território afegão há muito tempo tem sido alvo de disputa das potências expansionistas. Teve sua importância geopolítica reconhecida por grandes teóricos. Localizado em uma encruzilhada que liga o Sul da Ásia à Ásia Central e à Ásia Ocidental, região de grande importância comercial, o Afeganistão chamou atenção de Mackinder e Spykman, geógrafos que tiveram grande influência na política externa de seus países (Inglaterra e Estados Unidos, respectivamente.)

A disputa pela influência no Afeganistão durante a Guerra Fria inicia-se quando Muhammad Taraki, presidente do Afeganistão até outubro de 1979, aliado do Partido Democrático do Povo do Afeganistão (PDPA), que seguia a ideologia comunista, foi assassinado pelo seu primeiro-ministro, Hafizullah Amin, após solicitar ajuda soviética para pacificar as manifestações e combater a postura agressiva de Amin em relação ao povo afegão. Quando Amin assume a presidência, Brezhnev, secretário-geral da União Soviética, decide intervir na região para controlar não só as manifestações populares como também Amin.

As manifestações populares, daqueles que sofriam com as novas mudanças socialistas (principalmente os agricultores), preocupavam a URSS, pois temiam que o Afeganistão seguisse o mesmo rumo da Revolução Iraniana<sup>4</sup>. Brezhnev temia que se o Afeganistão fosse influenciado, outros

---

<sup>4</sup> No fim da revolução, o Irã, ao adotar um governo islâmico, que se baseava em suas doutrinas religiosas, adotou uma postura de inimizade com os “infieis”, não importando se fossem capitalistas ou comunistas.

países muçulmanos, que estavam sob controle soviético, também fossem acarretando no colapso de seu império soviético.

Estados Unidos, ciente da presença soviética no território, se mobiliza através de financiamentos e apoio a um grupo combatente da região, os autodenominados mujahedins. É sabido que Spykman influenciou intensamente a política externa americana, e que sua teoria foi publicada no período pós Segunda Guerra Mundial. Logo, os americanos temiam que com a conquista do Afeganistão, a URSS se tornasse um país de expansão desenfreada, conquistando o Rimland e assim a totalidade do poder mundial, como afirmava Spykman.

Os mujahedins do século XX eram formados por afegãos de diversas etnias e por homens de outros países também. De maioria sunita, lutavam contra a presença do exército vermelho no país para garantir sua independência em relação a cultural ocidental. Durante uma viagem a fronteira do Paquistão com o Afeganistão, o conselheiro de segurança dos Estados Unidos, Zbigniew Brzezinski discursa aos combatentes, como visto no vídeo postado por SVEINBJORNT (2014), “Aquele país [apontando para o Afeganistão] pertence a vocês, vocês voltarão para lá um dia, e terão suas casas e mesquitas de volta, porque sua causa é justa e Deus está do seu lado”, a fim de incentivar a luta e provar, para a sociedade internacional, que esta era justa. A eles eram fornecidos armamentos, alimentos e medicamentos através do Paquistão e com auxílio do Irã, da Arábia Saudita e da China. A presença soviética na região fez com que o Egito também se aproximasse dos Estados Unidos.

O Paquistão tinha interesses no território afegão devido a grande presença de pashtuns. Já o Irã, segundo Baptista,

[...] os dois objetivos principais que regem a política do Irã em relação ao Afeganistão, são a proteção da minoria xiita e a intenção de proteger a sua fronteira por uma espécie de zona tampão, impedindo uma presença militar estrangeira e o tráfico de droga. (ROY, 2004, p. 62-63 apud BAPTISTA, 2006, p. 18).

A Arábia Saudita financiava tal exército, pois preocupava-se com a passagem comercial de recursos minerais. A China atuou como fornecedora de armamentos aos mujahedins, pois via o possível domínio soviético no local como fator ameaçador para sua nova política de abertura comercial.

É evidente que todos os Estados envolvidos no conflito tinham interesses específicos, interferindo na política, na cultura e na economia afegã. O Afeganistão foi um dos palcos de combate entre Estados Unidos e URSS durante a Guerra Fria, onde tentavam expandir suas ideologias e acabou tornando-se um conflito de grandes proporções devido às diversas interferências estrangeiras. Em abril

de 1988 foi assinado o Acordo de Genebra entre Paquistão e Afeganistão, estabelecendo a retirada soviética do Afeganistão.

Porém, os interesses na região não cessaram juntamente com a ordem de retirada das tropas soviéticas acordada no Acordo de Genebra. No período pós-Guerra Fria, onde os Estados Unidos saíram como grande hegemonia, porém enfraquecidos, diversos Estados passaram a se preocupar cada vez mais com seu abastecimento energético. Com o capitalismo regendo grande parte da economia mundial, era necessário se industrializar cada vez mais para conquistar um espaço no sistema internacional. Logo, a demanda por combustíveis fósseis era cada vez maior, colocando o território afegão em destaque novamente.

Quando os interesses são combustíveis fósseis, as grandes potências se voltam para o Oriente Médio e seus arredores, incluindo Norte da África e Ásia Central. O Mar Cáspio tem sido um grande atrativo, principalmente para os Estados Unidos, que reconhece o grande potencial energético deste. Usufruindo somente dos recursos oferecidos pelo mar Cáspio, os Estados Unidos poderiam abastecer toda sua economia por 30 anos.

Tendo tal potencial reconhecido, os Estados Unidos planejaram a construção de um gasoduto que partiria do Mar Cáspio e chegaria até o Paquistão, cortando o território afegão de Norte a Sul para abastecer os principais mercados mundiais, como mostra a *Figura 2*. A obra deste gasoduto, iniciada por uma empresa americana, a UNOCAL (*Union Oil Company of California*), nos anos 90, foi interrompida devido a ataques terroristas do grupo Al-Qaeda.

Figura 2 - Projeto de gasoduto



Fonte: <<http://ecologus.blogspot.com.br/2010/08/fim-da-invasao-americana-no-iraque.html>>  
Acesso em 21 maio 2018.

As interferências estrangeiras em território afegão eram tão notórias, que fez com que surgissem grupos em oposição a elas. Os grupos combatentes mais conhecidos são Al-Qaeda, subgrupo formado pelos mujahedins financiados por países estrangeiros, citados no 5º § deste tópico, e Talibã, sendo que ambos se baseiam no pan-islamismo. O segundo grupo governou o Afeganistão após uma série de conflitos internos no período pós-Guerra Fria. Formado por maioria de pashtuns, Talibã se instaurou no governo afegão de 1996 à 2001. Como dito, ambos se baseavam no pan-islamismo, logo pretendiam tornar os Estados da região em Estados que seguissem seus preceitos religiosos, instaurando governos islâmicos, algo que foi temido pela URSS durante sua interferência no Afeganistão em 1979.

#### **4 FORÇAS TRANSNACIONAIS**

Podemos analisar, como forças transnacionais, os grupos terroristas, a ONU e diversas empresas que, de alguma forma, interferem na região. A ONU, como agência que visa a promoção da paz e do desenvolvimento, muitas vezes, desde sua criação, mostrou-se partidária, pendendo para o país mais influente. Um exemplo além do que será citado, é sobre o seu comportamento na Guerra das Coreias, em 1950, criando, durante invasão americana por meio de bases japonesas, uma nova resolução para autorizar intervenções, o que legitimou a interferência americana no conflito coreano. Recentemente, a postura da ONU em deixar sob responsabilidade estadunidense a reconstrução das forças armadas do Afeganistão, nos mostra o apoio desta aos interesses dos Estados Unidos novamente. Comumente, os maiores investimentos para a reconstrução de um país são voltados para área da educação, programas sociais e outros, mas este não é o caso do Afeganistão. Segundo uma matéria do jornal Estadão (2002), a ONU estima que o Afeganistão recebeu, aproximadamente, US\$400 milhões para reconstruir seu exército, enquanto os investimentos estrangeiros para educação e programas sociais são de, aproximadamente, US\$34 milhões. Esses dados nos mostram que os países doadores não visam melhorias para a população, mas estabilidade e segurança para seus projetos e interesses.

O Afeganistão é um palco de disputas não só entre países interessados na região, mas também de grupos terroristas como Al-Qaeda, Talibã e Estado Islâmico. Tais grupos visam, principalmente, acabar com a interferência ocidental na região, dadas as influências advindas de pensadores islâmicos que defendiam a ideia de que tudo relacionado a cultura ocidental é pecaminoso.

Ele [Sayyid Qutb] rejeita os conceitos ocidentais de liberdade individual, direitos humanos, subjetividade etc., pois acredita que o homem seja uma criatura de Deus e, como tal, não deve tentar conhecê-lo, e sim servir a ele. [...] É importante notar que todos os escritores e pensadores islâmicos recusam os ideais, as imagens e a cultura ocidental. Tudo o que é ligado à modernidade, como música, bebida, roupas, automóveis, cinema, bares etc., é considerado instrumento sedutor, demoníaco e, portanto, herético ou blasfemo. (SCHWADE, 2014, p. 23-24).

É perceptível a grande relação entre o governo afegão e determinados grupos terroristas. Sabendo disso, faz-se necessário analisar o estabelecimento do Talibã, antigo grupo de estudantes sunitas, que se mobilizaram contra o governo dos mujahedins e conquistaram o poder.

Após assinado o Acordo de Genebra em 1988, o governo pró-soviético se manteve no poder, fazendo com que os mujahedins direcionassem diversos ataques a fim de derrubar tal governo, até que em 1992 o governo soviético caiu. Os mujahedins eram fragmentados em diversos grupos combatentes, onde cada um almejava para si o poderio estatal. A apropriação do poder foi seguida por uma grande guerra civil, devido às disputas entre esses grupos. A guerra civil cessou quando o Talibã assumiu o poder em 1996. Tal governo ganhou rápida popularidade devido ao descontentamento da população com o antigo governo, e devido às suas novas propostas de governar a região através das leis islâmicas e da transparência (SCHWADE, 2014). Entretanto, o radicalismo tomou conta do governo, fazendo com que esse interferisse diretamente na liberdade individual de seu povo, devido a sua rígida interpretação da *xaria*, o conjunto de leis compreendidas pelo Alcorão.

Estima-se que o Talibã, recebeu investimentos oriundos de certos países, como o Paquistão, de grupos não governamentais e até mesmo de pessoas interessadas na causa, facilitando sua expansão pelo restante do território afegão. O estabelecimento deste novo grupo permitiu investimentos do Paquistão e do Estado Islâmico, como analisado por Schwade

[...] a penetração no Afeganistão, com a criação e fortalecimento do Talibã, inclusive, tem sido uma missão sagrada apoiada por todos os governos em Islamabad [...] e implementada pelo ISI [...] no final de 1994 e no início de 1995, o ISI começou a fornecer ajuda maciça ao Talibã, rifles de assalto Kalashnikov, grandes quantidades de munição, treinamento, logística e outras formas de apoio de combate. [...] Ao mesmo tempo, a inteligência paquistanesa acompanhava de perto o crescente fluxo de voluntários paquistaneses *pushtun* [ou *pashtun*] para o Talibã (BODANSKY, 2001, p. 148 apud SCHWADE, 2014, p. 33).

O Talibã foi um governo que além de seu rígido controle com o seu povo, deu abrigo a um grande grupo terrorista, o *Al-Qaeda*. Osama bin Laden, um dos fundadores de tal grupo, teve grande participação no grupo dos mujahedins durante o combate contra a presença soviética no território afegão em 1979.



Poucos dias depois da invasão soviética, Bin Laden, que estava genuína e desprendidamente engajado na causa da solidariedade entre todos os islâmicos, foi ao Paquistão, atendendo a um pedido dos mujahidins afegãos. Ao chegar, ficou atônito com o caos instalado no Paquistão e com a falta de unidade árabe, e devotou-se ao trabalho de organização política, estabelecendo um serviço de recrutamento que, nos anos seguintes, viria a conduzir milhares de guerreiros árabes dos Estados do Golfo para a resistência afegã (BODANSKY, 2001 apud SCHAWADE, p. 37-38).

Osama bin Laden envolveu-se diretamente com os combatentes, e após a retirada soviética da região, voltou heroicamente para a Arábia Saudita. Alguns anos depois, devido a decisão do governo saudita de se aliarem com os Estados Unidos para combaterem o Iraque, bin Laden, que tinha se posicionado contra a ajuda americana, se muda para o Sudão e lá começa a juntar financiamentos para a *Al-Qaeda*. Auxiliou em diversas investidas terroristas, principalmente no Chifre da África (SCHWADE, 2014), e por terem tropas americanas envolvidas contra as investidas de bin Laden, a Arábia Saudita começa a pressionar o Sudão para expulsá-lo de seu território. Osama bin Laden então, vai para o Afeganistão, onde é recebido pelo recém instaurado governo talibã, tornando notória a ligação entre o grupo terrorista e o governo afegão.

O Talibã teve um enorme impacto na percepção mundial das guerras santas. Surgiu através mujahedins afegãos, cujo heroísmo tinha sido enaltecido pelos Estados Unidos em grande parte dos anos 80. [...] O Talibã foi excepcionalmente bem-sucedido em termos islâmicos, pois eles conseguiram implementar o tipo de teocracia austera e puritana (*xaria*) a qual desejavam a *Al-Qaeda* e outros grupos *jihadistas*. Apesar do fato de ter sido reconhecido como entidade estatal legítima apenas por três países - Paquistão, Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos - [...] O Talibã providenciou a *Al-Qaeda* um campo de treinamento seguro que produziria uma massa de mujahedin para a guerra global santa que estava surgindo contra, o que eles consideravam como novo inimigo do mundo muçulmano, os Estados Unidos. Outros grupos *jihadistas* também instalaram campos [de treinamento] lá [Afeganistão]. Mas a agenda anti-estadunidense amplamente difundida da *Al-Qaeda* e sua preferência por operações de martírio atraíram os mais zelosos e audaciosos recrutas. (ATWAN, 2008, p. 80-81, tradução livre)<sup>5</sup>.

Como dito anteriormente, analisamos como forças transnacionais aqueles atores, que não os Estados, mas que interferem no Afeganistão. A presença dos grupos terroristas que visam retirar a influência ocidental do oriente é notória e de suma importância analítica, pois influenciaram, não apenas um determinado território, mas também o restante do mundo.

---

<sup>5</sup> Texto original: “The Taliban had an enormous impact on world perception of *jihad*. It had emerged from the Afghan mujahedin whose heroism the US has lauded for the better part of the 1980s.[...] The Taliban was uniquely successful in Islamist terms in that they actually managed to establish the kind of austere, puritanical shari’ah-based theocracy that al Qaeda and other Salafi-jihadi groups long for. Despite de the fact that it was only recognized as legitimate state entity by three countries - Pakistan, Saudi Arabia and the UAE [...] The Taliban provided al Qaeda with a safe haven and sheltered the training camps that would mass-produce mujahedin for the coming global jihad against what they regarded as the Muslim world’s new enemy, the US. Other jihadi and guerrilla groups had also set up camps there, but al Qaeda’s widely broadcast anti-US agenda and preference for ‘martyrdom operations’ attracted the most zealous and audacious recruits.” (ATWAN, 2008, p. 80-81).

Podemos considerar também, as empresas multinacionais, que visam cumprir objetivos de seus países de origem, assim como a UNOCAL (*Union Oil Company of California*) e diversas outras, que atuam indiretamente, através de investimentos financeiros para grupos opositores ou a favor do governo. Todas essas interferências acabam influenciando fortemente, não só a política, como também o cotidiano da população afegã.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Considerando então, todas as informações analisadas ao longo desse artigo, podemos concluir que o Afeganistão, desde de seus primórdios, tem enfrentado inúmeros conflitos. Os mais iniciais, como foi tratado, eram, principalmente, de origem étnica, causados pela grande diversidade entre os povos que compartilhavam o mesmo território. Tal diversidade é oriunda das influências das grandes potências expansionistas e comerciantes nessa região, pois o Afeganistão, desde a antiguidade é uma região de extrema importância geopolítica e comercial.

Ao longo da história podemos ver uma série de combates entre potências que almejavam conquistar o Afeganistão, como o embate entre Rússia e Inglaterra no período do Grande Jogo, e mais tarde entre União Soviética e Estados Unidos no período da Guerra Fria. Evidentemente, tais potências não se importavam com outra coisa, a não ser a realização de seus desejos e intenções na região, confirmando a ideia inicial de que as influências externas eram as principais causadoras dos conflitos do Afeganistão.

Além dos impactos socioeconômicos e políticos, os interesses dos países citados tiveram grande contribuição na formação de grupos combatentes, que, por alguns países, atualmente, são considerados grupos terroristas. Esses conflitos, analisados de forma mais ampla, podem ser entendidos pela grande diferença entre a cultura ocidental e a muçulmana.

**REFERÊNCIAS**

AFGHANISTAN and UNION OF SOVIET SOCIALIST REPUBLICS -Treaty of friendship, good-neighbourliness and cooperation. Moscou. 1978. Disponível em: <[http://www.cawater-info.net/afghanistan/pdf/afghanistan\\_ussr\\_cooperation\\_1978\\_en.pdf](http://www.cawater-info.net/afghanistan/pdf/afghanistan_ussr_cooperation_1978_en.pdf)>. Acesso em: 1 abr. 2018.

ATWAN, Abdel Bari. Holy Warrior: The Taliban. In: ATWAN, Abdel Bari. The secret history of Al Qaeda. California: University of California Press, 2008. cap. 2, p. 80 - 88. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=1jjLvDE5Fy8C&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q=taliban&f=false>>. Acesso em: 27 maio 2018.

BAPTISTA, Paulo Luís. Afeganistão - Uma análise Geopolítica: Reflexões sobre questões da Paz e da Guerra. Lisboa, n. 2451, abr. 2006. Disponível em: <<https://www.revistamilitar.pt/artigopdf/71>>. Acesso em: 28 abr. 2018.

EUA querem passar gasoduto pelo Afeganistão, dizem analistas. Estadão, São Paulo, 28 maio 2002. Disponível em: <<http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,eua-querem-passar-gasoduto-pelo-afeganis-tao-dizem-analistas,20020528p46774>>. Acesso em: 28 abr. 2018.

FEATURE HISTORY. Soviet-Afghan War. 2017. (10m29s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FDQLHFBp4aM>>. Acesso em: 28 abr. 2018.

FORIGUA-ROJAS, Emersson. Guerra en Afganistán: La experiencia soviética. Papel político. Bogotá, v.15, n.1, p. 183-234, jan./jun. 2010. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=77719013008>>. Acesso em: 30 mar. 2018.

GARCIA, Marco Antonio. La intervención soviética en Afganistán, 1979 - 1989. 2011. Disponível em: <<https://senderosdelahistoria.wordpress.com/2011/06/18/336/>>. Acesso em: 3 maio 2018.

INSTITUTE FOR THE STUDY OF WAR. Russia and Afghanistan. Disponível em: <<http://www.understandingwar.org/russia-and-afghanistan>>. Acesso em: 3 maio 2018.

MEDEIROS, Carlos Aguiar de. A economia política da transição na Rússia: A estratégia de reforma de Gorbachev. In: MEDEIROS, Carlos Aguiar de et al. (Org) Uma longa transição: vinte anos de transformações na Rússia. Brasília: IPEA, 2011. cap. 1, p. 23. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/livro\\_russia.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/livro_russia.pdf)>. Acesso em: 3 maio 2018.

PAUTASSO, Diego; DE OLIVEIRA, Lucas Kerr. A segurança energética da China e as reações dos EUA: Problemas de segurança energética. Revista Contexto Internacional, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, p. 361-398, maio/ago. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cint/v30n2/v30n2a04.pdf>>. Acesso em: 2 maio 2018.

RODRÍGUEZ, Enrique. Afganistán y la geopolítica internacional. Madrid. Plaza y Valdés, 2003. Disponível em: <[https://books.google.es/books?hl=pt-BR&lr=&id=kKJXVis3-OQC&oi=fnd&pg=PA11&dq=afganistan+antes+de+la+guerra&ots=oaEFxJp5Tz&sig=\\_vPZhcoAm2gjzDNCH5v-7E8dGq8#v=onepage&q=afganistan%20antes%20de%20la%20guerra&f=false](https://books.google.es/books?hl=pt-BR&lr=&id=kKJXVis3-OQC&oi=fnd&pg=PA11&dq=afganistan+antes+de+la+guerra&ots=oaEFxJp5Tz&sig=_vPZhcoAm2gjzDNCH5v-7E8dGq8#v=onepage&q=afganistan%20antes%20de%20la%20guerra&f=false)>. Acesso em: 30 mar. 2018.

SCHWADE, Tiago. O desenvolvimento do terrorismo islamita moderno no Afeganistão. Rio Grande do Sul, 2014. Disponível em: <<https://www.univates.br/bdu/bitstream/10737/760/1/2014TiagoIsmaelSchwade.pdf>>. Acesso em: 25 maio 2018.

SVEINBJORNT. Zbigniew Brzezinski to the Mujahideen: "Your cause is right and God is on your side!". 2014. (1m). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=A9RCFZnWGE0>>. Acesso em: 28 abr. 2018.

SZCZEPANSKI, Kallie. The Mujahideen of Afghanistan. 14 jun. 2017. Disponível em: <<https://www.thoughtco.com/the-mujahideen-of-afghanistan-195373>>. Acesso em: 28 abr. 2018.

TANNER, Stephen. Afghanistan: a military history from Alexander, The Great to the fall of the Taliban. Cambridge: Da Capo Press, 2002.

TRAUMANN, Andrew; KAMINSKI, Marina. O Waterloo da Guerra Fria: antecedentes da invasão soviética ao Afeganistão. Revista de Análise Internacional, Curitiba, Vol.1, n.1, p.3-12, ago./dez., 2016. Disponível em: <<http://www.humanas.ufpr.br/portal/nepri/files/2016/12/1-Andrew.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2018.